

O Papel da Geopolítica na Posição da Alemanha na I e na II Guerras Mundiais*

Marisa Fernandes

Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Este artigo tem como principal objectivo demonstrar em que medida é que a Geopolítica poderá ou não ter influenciado o papel desempenhado pela Alemanha na I Guerra Mundial (1914-1918) e na II Guerra Mundial (1939-1945), fazendo uma análise da geopolítica alemã no período entre guerras e reflectindo sobre as relações existentes entre o espaço da Geografia Política de Friedrich Ratzel (1844-1904) e o poder da Alemanha de Guilherme II e, entre o espaço da Geopolítica de Karl Haushofer (1869-1946) e o poder da Alemanha de Adolf Hitler.

Abstract

The Role of Geopolitics in Germany between the 1st and the 2nd World Wars

This article has as its main objective to demonstrate the extent to which the Geopolitics may or may not have influenced the role played by Germany in World War I (1914-1918) and in World War II (1939-1945). The object of study is an analysis of German geopolitics in the interwar period, reflecting on the relationship between the space of Political Geography of Friedrich Ratzel (1844-1904) and the power of Germany's Wilhelm II and, the space between the Geopolitics of Karl Haushofer (1869-1946) and the power of Adolf Hitler's Germany.

* A Herr Morgado. Este texto, desenvolvido a partir da dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais (área de especialização em Relações Internacionais) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, foi orientado pelo Prof. Doutor António Horta Fernandes e defendido publicamente a 26 de Março de 2010. Aqui deixo os meus agradecimentos ao Centro Português de Geopolítica (CPG), do Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração de Aveiro, e em particular ao Professor Doutor António Horta Fernandes e ao Major-General José Manuel Freire Nogueira, bem como ao Dr. Nuno Morgado e à minha família.

Objecto e Metodologia

Neste texto pretende-se apresentar as nossas conclusões quanto à seguinte questão de partida: em que medida é que a geopolítica poderá ou não ter influenciado o papel desempenhado pela Alemanha na I Guerra Mundial (1914-1918) e na II Guerra Mundial (1939-1945).

E, para tal, mantendo a perspectiva analítico-descritiva, maioritariamente qualitativa, já anteriormente adoptada, assumimos como objecto da nossa análise o período compreendido entre o ano de 1890, cuja importância se deve à saída de Bismarck do poder, e consequente alteração das percebidas relações entre o espaço e o poder germânicos decorrente da *Weltpolitik*, e o ano de 1945, em que se verificou o fim da II Guerra Mundial.

Este texto encontra-se dividido em duas grandes partes intituladas “Enquadramento histórico e conceptual” e “Os contributos de Friedrich Ratzel e de Karl Haushofer na Alemanha entre Guerras”. Na primeira procuramos, por um lado, introduzir o tema da Geopolítica em associação com o caso alemão sobre o qual nos debruçaremos mais adiante, e pelo outro, apresentar a perspectiva de mudança que é tão característica nas relações entre o Espaço e o Poder em virtude do passar do Tempo. É, todavia, na segunda parte que se encontra o essencial da nossa investigação, na medida em que primeiramente abordaremos os aspectos que consideramos como fundamentais do pensamento de Friedrich Ratzel (1844-1904) no contexto da passagem da Alemanha de Bismarck para a Alemanha de Guilherme II, e do atinente às relações estabelecidas entre o poder e o espaço germânicos em termos práticos e com impacto na política externa alemã até ao eclodir da I Guerra Mundial (1914-1918); e em seguida, debruçar-nos-emos sobre o pensamento de Karl Haushofer (1869-1946) desde a República de Weimar (1919-1933) até à Alemanha de Adolf Hitler (1933-1945), quanto às suas principais características, procurando identificar pontos convergentes e divergentes entre a geopolítica daquele e a acção política deste último. Por fim, quer no caso de Ratzel, quer no caso de Haushofer, procuraremos determinar até que ponto é que as suas teorias terão influenciado ou não os dirigentes políticos alemães de então, e contribuído para o início da I e da II Guerras Mundiais.

Enquadramento Histórico e Conceptual

A Geopolítica quanto à sua Origem, Desenvolvimento e Associação com o Caso Alemão

Conhecimento moderno, a Geopolítica nasceu numa era de rivalidade imperialista, de expansionismo colonial e industrialização, num período de modernização

industrial e tecnológica, bem como de profundas transformações sociais e culturais, tendo acompanhado o surgimento dos nacionalismos entre a década de 70 do século XIX e o ano de 1945 (Tuathail, 2006, 17), e encontrando-se intimamente ligada à história europeia e mundial (Fernandes, 2003, 1).

Lorot & Thual (1997, 67) consideram que “Le nationalisme est un facteur géopolitique de première importance, non seulement parce qu’il est l’affirmation de la spécificité voire de la supériorité d’un groupe sur les autres, mais qu’il est toujours revendicatif”². Neste sentido, é de referir a importância de que se reveste a ideia de uma *Großdeutschland*³, a presente ideia de *Reich* integrante do subconsciente alemão em todas as épocas, crenças e ideologias, que mais não é do que o desejo de regresso e concretização a um dos mitos da Nação alemã, o do Império Carolíngio (Vives, 1972, 22-23).

A consolidação da Alemanha como potência hegemónica no espaço europeu é um aspecto transversal ao *II Reich* politicamente unificado por Otto von Bismarck em 1871, à Alemanha de Guilherme II e, posteriormente, à Alemanha de Adolf Hitler.

Entre os finais do século XVIII e a primeira metade do século XX são várias as teorias filosóficas e científicas, provenientes quer de pensadores germânicos (como Johann Fichte (1807-1808), um precursor do pangermanismo, conhecido pela autoria dos *Reden an die Deutsche Nation*⁴ (1807-1808)), quer de pensadores germanófilos e não germânicos (como Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) que, no seu *Essai sur l’inégalité des races humaines*⁵ (1865), defendia um racismo biológico explicando o destino dos povos, a ascensão e a queda dos impérios através da desigualdade racial, e da superioridade da raça caucasiana na qual incluía os germânicos (Correia, 2004, 126), uma raça de elite que conservava a beleza, a força, a inteligência e a superioridade da expressão verbal (Gallois, 1990, 234-235); ou como também Houston Chamberlain (1885-1927), em *The Foundation of the 19th Century*⁶ (1899), acreditando que o futuro da Europa e do Mundo se encontrava na Alemanha, uma vez que esta se caracterizava por uma força expansiva manifesta em todos os domínios que fomentaram a tese da superioridade do povo germânico, da sua raça, do seu sangue, da sua língua, da sua cultura.

2 Tradução livre da autora: “O nacionalismo é um factor geopolítico de primeira importância, não apenas porque é a afirmação da visão específica de superioridade de um grupo sobre os outros, mas também porque se constitui como uma forma de protesto” (Lorot & Thual, 1997, 67).

3 Grande Alemanha.

4 *Discursos à Nação Alemã*.

5 *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*.

6 Os fundamentos do século XIX.

É a vitória prussiana nas guerras contra a Áustria (1866) e a França (1870/1871) o “elemento aglutinador da identidade nacional da nova Alemanha” (Fischer, 2007, 98). Triunfou a ideia de *Kleindeutschland*⁷ de Otto von Bismarck, enquanto o pan-germanismo ansiava por uma *Großdeutschland*, que reunisse todos os alemães, e a burguesia por uma política colonial e por uma *Weltpolitik*⁸ que só conheceu depois da saída deste chanceler do poder.

A ideia de *Großdeutschland* voltou a ser afastada novamente depois da I Guerra Mundial, pelas disposições do Tratado de Versalhes e do Tratado de Saint-Germain-en-Laye (1919). Todavia, numa Alemanha especialmente insatisfeita, a antiga ideia de *Reich* semelhante à estrutura supranacional com pretensão universal que havia sido o Império de Carlos Magno, filho do último dos Pepinos, “uma das mais brilhantes épocas dos germanos” (Dawson, 1941, 12), ressurgiu durante a República de Weimar, mas sobretudo com o *II Reich* de Adolf Hitler.

Associada à teorização relativa à superioridade do povo germânico, foi a ideia de *Reich* que influenciou o desenvolvimento de uma concepção geopolítica própria, pois tal como defende Chauprade (Bessa e Dias, 2007, 21), a cultura de cada Estado influi na disciplina. E de facto, cada um dos Estados rivais do Império Britânico como a Rússia, a França, a Itália, os EUA, mas sobretudo e a pouco e pouco, o *II Reich*, e mais tarde o Japão, desenvolveu o seu próprio discurso geopolítico (Tuathail, 2006, 17).

Todavia, no respeitante às designadas geopolíticas clássicas europeias são de destacar a britânica e a germânica, com os “seus dois maiores expoentes e rivais”, Halford Mackinder e Karl Haushofer respectivamente (Fernandes, 2003, 1), graças à competição existente entre o Império Britânico e as crescentes aspirações imperiais da Alemanha no centro da Europa. No caso alemão, é de referir que o nascimento da Geopolítica se verificou apenas após o fim da I Guerra Mundial, uma guerra cujo espírito se revela através das palavras de Rupert Smith (2008, 141):

“Numa combinação de orgulho nacional e entusiasmo militar, a noção de guerra como a coroa de glória lógica da época era acenada por políticos, soldados e civis. O orgulho na capacidade industrial da nação também atestava a sua capacidade militar (...); o crescimento da sua população também era a prova da sua capacidade industrial de colocar homens no campo de batalha, assim como o comprimento e velocidade dos caminhos-de-ferro e esquadras. A prosperidade da época comprovava a prontidão para a guerra”.

7 Pequena Alemanha.

8 Política mundial.

Ainda antes do fim da II Guerra Mundial, e sobretudo a partir do ano de 1942, iniciou-se um processo de descredibilização da Geopolítica com a publicação de diversos trabalhos da autoria de imigrantes oriundos da Europa Central, radicados nos EUA. São de destacar, a título exemplificativo, Hans Weigert⁹ e Robert Strausz-Hupé¹⁰.

De igual modo, num artigo intitulado “*Geography versus Geopolitics*” (1942), Isaiah Bowman considerava que a Geopolítica representava uma visão distorcida das relações históricas, políticas e geográficas do Mundo e das suas partes, sendo que os argumentos geopolíticos tal como eram desenvolvidos na Alemanha apenas serviam para sustentar o caso da agressão alemã (Fernandes, 2003, 22). Hans Morgenthau encarava mesmo a Geopolítica como uma pseudociência, referindo-se, neste sentido, a uma visão particular da Geopolítica, a *Geopolitik*, ou seja, a Geopolítica do *III Reich* (Fernandes, 2002, 23).

Com o fim da Guerra Fria, o aparecimento de conflitos que se afastam da confrontação ideológica e o maior distanciamento temporal face à II Guerra Mundial verificou-se a reintrodução do termo com autores como Yves Lacoste, Michel Korinman, Pierre Gallois, Paul Claval, François Thual, ou Alexandre Del Valle (Fernandes, 2002, 13). Nos EUA, a reentrada do termo ocorreu graças à utilização que Henry Kissinger fez da palavra, durante a década de 70, nas suas análises sobre conflitos internacionais, associando-a ao realismo político (Fernandes, 2002, 14). No entanto, tal acarretou consigo a mediatização do discurso geopolítico e, conseqüentemente, verificou-se a banalização do termo (Correia, 2008, 22-23).

Em Portugal, neste esforço de recuperação da escola geopolítica portuguesa são de destacar o papel desempenhado por António Marques Bessa, Políbio Valente de Almeida, entre outros nomes como o de Adriano Moreira, Borges de Macedo, Loureiro dos Santos, Araújo Geraldês, François Martins, ou Virgílio de Carvalho (Nogueira, 2007, 14-15), nas Escolas Superiores das Forças Armadas e no actual Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Bessa e Dias, 2007, 13-14). É ainda de relevar o importante contributo que o Centro Português de Geopolítica, fundado em 2005 e que a partir de 2007 passou a contar com a publicação da *Revista Geopolítica*, tem vindo a desenvolver neste âmbito.

9 Autor de *Generals and Geographers: The Twilight of Geopolitics* (Generais e Geógrafos: O Crepúsculo da Geopolítica, 1942).

10 Com o trabalho *Geopolitics: The Struggle for Space and Power* (Geopolítica: A Luta pelo Espaço e pelo Poder, 1942).

O Poder e o Espaço: uma Relação Evolutiva no Tempo

Tratando-se de um conhecimento específico e multidisciplinar, a Geopolítica pertence mais à Ciência Política do que à Geografia (Werner Cahman, *apud*, Bessa & Dias, 2007, 27), sendo esta ideia partilhada pelo criador sueco do vocábulo Rudolf Kjellén (1864-1922), no início do século XX. Envolve o estudo da actividade humana na sua relação com o espaço, tendo como factores fundamentais o espaço, o tempo e o poder (Bessa e Dias, 2007, 17, 27 e 48).

Espaço é poder, o que desde sempre originou diferendos quer para conservar o equilíbrio já existente (agonística defensiva), quer para conquistar novos equilíbrios (agonística ofensiva) (Defarges, 2003, 93-95).

Factor estático, o espaço permanece (Coutau-Bégarie, 2008, 821-822), enquanto a guerra e a política se constituem como produtos particulares da época em que ocorrem (Defarges, 2003, 97).

Sendo o conhecimento espacial e a consciência geográfica humana indissociáveis das evoluções económicas, culturais e políticas, importará certamente salientar os Descobrimentos como um ponto de viragem naquela que era a visão da terra conhecida ou o conhecimento e representação do espaço. De facto, se até aos Descobrimentos apenas se representavam e cartografavam fragmentos da terra conhecida, no século XVI e como fruto das grandes viagens, o homem acedeu a representações da totalidade da terra (Defarges, 2003, 23-24).

Entre os séculos XVI e XVIII, a Geografia passou a assumir-se como uma ciência, sendo mesmo uma disciplina cujo conhecimento passou a afigurar-se essencial, especialmente após o Congresso de Viena em 1815, ao deixar de ser um conhecimento exclusivo de príncipes, chefes militares, exploradores ou comerciais para passar a ser um conhecimento generalizado, graças à obrigatoriedade do seu ensino (Lorot, 1995, 8).

Assistiu-se de igual modo ao nascimento das primeiras sociedades de geógrafos¹¹ organizando missões¹² e pesquisas, publicando livros e revistas e à internacionalização da Geografia com a realização do primeiro congresso em Antuérpia, no ano de 1871 (Defarges, 2003, 25-26).

O século XIX é ainda caracterizado por uma espécie de “mística do espaço”, ao existir a necessidade de conquistar novos territórios capazes de albergar simulta-

11 Em Paris (1821), em Berlim (1828), em Londres (1830), na Rússia (1845) e em Nova Iorque (1852).

12 Os geógrafos eram sobretudo viajantes, utilizando as viagens para acumular conhecimentos sobre as diferentes regiões do globo. Este foi, por exemplo, o caso de Alexander von Humboldt (1769-1859).

neamente, e sob uma mesma organização política, população nacional residente e população nacional emigrada. Terá sido este o objectivo da Alemanha, desde 1848 até à I Guerra Mundial (Defarges, 2003, 35). Este é ainda um período de exploração dos continentes, com destaque para África, destinada à procura de matérias-primas e de novos mercados para o escoamento de produtos (Dias, 2005, 54).

Os Contributos de Friedrich Ratzel e de Karl Haushofer na Alemanha entre Guerras

Friedrich Ratzel (1844-1904), a Alemanha de Guilherme II e a I Guerra Mundial (1914-1918)

Desde 1871, ano da sua unificação política, até ao início da I Guerra Mundial em 1914, a Alemanha experimentou uma série de mudanças políticas e intelectuais que transformaram radicalmente o seu carácter (Fullbrook, 2008, 137) e que acabaram por influenciar o pensamento de Friedrich Ratzel (1844-1904) (Gallois, 1990, 209): da *Klein-deutschland* de Bismarck à política colonial e desta à *Weltpolitik* de Guilherme II.

A Alemanha de Ratzel, compreendendo a era Bismarckiana (1862-1890) e mais tarde a era Guilhermina (1888-1918), tinha três traços essenciais:

- recentemente unificada e em crescimento;
- *die verspätete Nation*¹³ em relação à partilha do mundo e ávida de ter um espaço de expansão para si própria;¹⁴
- auto-considerada como a nação da ciência (Defarges, 2003, 70-73).

Se a Alemanha de Bismarck foi apresentada como “uma nação satisfeita”, atin-gida a unificação política e arquitectada uma política de alianças fundada sobre o equilíbrio de poderes, a Alemanha de Guilherme II, com a saída de Bismarck a partir de 1890, queria uma *Weltpolitik*, sendo que para tal deveria investir na Colonização: “ter colónias é dispor de mercados, de matérias-primas, é ser grande e respeitado!” (Defarges, 2003, 72 e 98).

Espaço é segurança, num período em que o Darwinismo Social se aplicava à cena internacional, onde a ameaça é constante, analisando as rivalidades entre os Estados como uma luta pela sobrevivência. A Alemanha sentia-se ameaçada a Oeste pela França e a Leste pela Rússia, naquela que julgava ser uma insuficiente dimensão, constituindo-se como um enclave na Europa Central.

13 A Nação atrasada.

14 Ambição acentuada com a crise económica de 1873 (Defarges, 2003, 71).

“La position médiane est toujours très menacée; elle ne possède pas de frontières naturelles, ce qui lui confère généralement quelque chose d’incertain et de fluctuant. (...) La position médiane est généralement aussi une position close, du fait que l’État central se trouve pressé de tous côtés.”¹⁵ (Ratzel, 1988, 256).

Este sentimento acentuar-se-ia com a aproximação franco-russa consubstanciada no estabelecimento de uma aliança em 1893-1894 (Defarges, 2003, 97).

Friedrich Ratzel, enquanto pangermanista, defendia que a Alemanha devia reunir num só Estado todos os alemães (Defarges, 2003, 77) pelo que apoiava quer o projecto de Mitteleuropa¹⁶ quer um projecto colonial, considerando que o Reich se deveria elevar à categoria de continente¹⁷ de forma a assumir a posição de Weltmacht¹⁸.

“La communauté de langue et de coutume favorise l’unification politique et prépare l’extension du territoire national. Cette communauté suscite progressivement dans les consciences (...) un sentiment national et exerce dès lors une fonction de rassemblement et de cohésion”.¹⁹ (Ratzel, 1988, 201).

A par deste espaço continental, e influenciado por Alfred Mahan (1840-1914) (Murphy, 1997, 7), importava igualmente o domínio marítimo – “il s’agit de la maîtrise des mers, condition d’une domination universelle (...)”²⁰ (Ratzel, 1988, 224) –, pelo que defendia a criação de uma frota capaz de equilibrar o poder marítimo britânico e reforçar o poder internacional alemão (Bessa e Dias, 2007, 34; Correia, 2004, 131). E defendia-o já em 1900, aquando da publicação da sua obra *Das Meer*

15 Tradução livre da autora: “a posição mediana está sempre muito ameaçada; não possui fronteiras naturais, o que lhe confere geralmente qualquer coisa de incerto e flutuante. (...) A posição mediana é geralmente também uma posição fechada, o que faz com que o Estado central se sinta pressionado por todos os lados (...)”

16 Um conceito original de Friedrich Naumann (1860-1919), que consistia na liderança alemã da Europa do Meio, ou seja, do Mar do Norte e Mar Báltico até ao Mar Adriático e Mar Negro, dispondo da linha que vai da foz do Reno à foz do Danúbio como diagonal (Correia, 2004, 131).

17 Esta ideia de elevar o Reich alemão à categoria de continente surgiu após a viagem que realizou aos EUA em 1873. Foi igualmente esta viagem que o terá levado a publicar a sua primeira obra completa *Die Vereinigten Staaten von Nord-Amerika* (Os EUA da América do Norte), em 1878-1880, antecedida por *Städte-und Kultur Bilder aus Nord-Amerika* (Quadros das Cidades e da Civilização da América do Norte), e a dedicar-se aos estudos da geografia, ainda que a sua formação de base fosse em farmácia e em zoologia (Korinman, 1990, 33).

18 Potência mundial.

19 Tradução livre da autora: “a comunidade de linguagem e costumes favorece a unificação política e prepara a extensão do território nacional. Esta comunidade suscita progressivamente nas consciências (...) um sentimento nacional e exerce, portanto, a união e a coesão.”

20 Tradução livre da autora: “o domínio dos mares é uma condição para a dominação do mundo (...)”

als Quelle der Völkergrösse²¹, antes mesmo que o projecto do Almirante Tirpitz tivesse sido aceite por Guilherme II (Korinman, 1990, 76).

Com efeito, Ratzel pretendia que a sua geografia política se tornasse num instrumento útil ao serviço dos dirigentes alemães absorvidos num plano nacional, propondo-lhes uma solução em que a ciência e a política não se excluíssem mutuamente e pretendendo lançar as bases de uma ciência espacial do poder estatal (Bessa e Dias, 2007, 34; Defarges, 2003, 74). Desejando ser o conselheiro do príncipe na formulação justa da política (Defarges, 2003, 76), a importância de Ratzel e da sua teorização viria a ser reconhecida sobretudo após o fim da I Guerra Mundial por aquela que viria a ser a futura Escola de Munique. A obra *Politische Geographie*²² foi mesmo lida pelos geopolíticos alemães como se de um catecismo se tratasse (Korinman, 1990, 45). Todavia, como considerou Korinman (1990: 85):

“On risquera donc l’hypothèse suivante: la geodoxa ratzélienne avait certainement pénétré les milieux gouvernementaux (...) mais à titre d’idéologie. (...) Le dogme ratzélien ne se discutait pas. Une fois assimilé par les politiques, il pouvait leur tenir lieu de philosophie du monde, sous-jacente, d’autant plus dangereuse qu’elle se présentait comme une science”.²³

Neste sentido e a título de ideologia, Ratzel terá contribuído de algum modo para o Imperialismo alemão deste período, à semelhança do que se verificou também, por exemplo, com o historiador Heinrich von Treitschke (1834-1896), que tendo exercido uma grande influência sobre os jovens intelectuais, exaltava a política de poder e fazia a apologia da guerra. A Alemanha, na sua perspectiva, devia possuir colónias de forma a assegurar o seu poder. Ratzel e von Treitschke partilhavam em conformidade com uma visão assente na superioridade do povo alemão, à semelhança de outros intelectuais alemães dessa época que mais não

21 *O Mar, Fonte de Poder dos Povos*. Ratzel retomou e desenvolveu nesta obra um assunto que já havia abordado no capítulo XXII da *Politische Geographie*, em 1897.

22 *Geografia Política*. Editada em 1897 pela primeira vez, constitui a mais completa adequação de conhecimentos geográficos à evolução das sociedades políticas. Com esta teoria da questão do poder do Estado e das respectivas formas territoriais (Lorot, 1995,14), Ratzel pretendeu fornecer um instrumento para os dirigentes prussianos fundamentarem espacialmente as suas decisões políticas, mediante o desenvolvimento de um *geographischer Sinn* – sentido geográfico (Korinman, 1990, 37).

23 Tradução livre da autora: “Arrisquemos a seguinte hipótese: a *geodoxa* ratzeliana tinha penetrado certamente nos meios governamentais (...) mas a título de ideologia. (...) O dogma ratzeliano não se questionava. Uma vez assimilado pelos políticos, podia manter o seu lugar de filosofia do mundo, subjacente, da sua ainda mais perigosa apresentação como uma ciência” (Korinman, 1990, 85).

foram do que “produto uns dos outros”, este desejo de incentivar, embora com ângulos de visão diferentes, o expansionismo sob a direcção do Estado prussiano (Correia, 2004, 131; Da Silva, 2003, 2; Korinman, 1990, 84; Poidevin, 1983, 30). Assim, Ratzel esforçou-se por conferir um fundamento científico aos impulsos de extensão imperial alemã, pelo que no fim do século XIX e no início do século XX, foi mesmo considerado como o chefe da escola alemã de geografia humana²⁴ (Gallois, 1990, 214).

Porém, e por um lado, será de recordar que Ratzel morreu em 1904, dez anos antes do eclodir da Guerra de 1914-1918, sem testemunhar a rivalidade franco-alemã pelo controlo de Marrocos, nas crises em Tânger (1905) e em Agadir (1911), nem assistir à crescente instabilidade e ao estado de paz armada que a partir de 1911 se instalou na Europa, associados ao acentuar da tensão entre as potências nos Balcãs (Defarges, 2003, 77-78; Milza, 1999, 177). Por outro lado, a I Guerra Mundial teve múltiplas origens na sua eclosão, tendo resultado não apenas numa questão de luta política e económica entre os Estados principais, mas também como fruto do processo de desenvolvimento económico, político e social de “modernização” de toda a sociedade Ocidental (Calleo, 1990, 29).

Já no decurso da Guerra, a *Geographische Zeitschrift*²⁵ propôs análises da evolução das operações recorrendo a uma abordagem que, para além de não se afastar da geografia física, também não ultrapassava a descrição das incidências dos factores naturais. Os oponentes da Alemanha não são encarados como actores capazes de intencionar, reagir e se adaptar às manobras armadas alemãs. Deste modo, justificou-se o facto do general Erich Ludendorff (1865-1937), que assumira o comando supremo das Forças Armadas no dia 29 de Agosto de 1916 juntamente com Paul von Hindenburg (1847-1934)²⁶, se ter referido ao saber dos geógrafos como *Professorenweisheit*²⁷, uma vez que não permitia a obtenção de nenhuma visão estratégica (Defarges, 2003, 78; Fischer, 2007, 241).

Efectivamente, e em jeito de síntese, “Ratzel não deixou directivas concretas para a acção política”, todavia lançou as bases do pensamento geopolítico que viria a surgir com o fim da I Guerra e, sobretudo, na sequência da imposição do Tratado de Versalhes à Alemanha.

24 Área sobre a qual começou inicialmente por teorizar, tendo publicado em 1882 *Antropogeographie* (Antropogeografia), onde procurou estudar os mecanismos de interacção entre a natureza e as comunidades humanas, e que acabaria por servir de base à obra *Politische Geographie* (Defarges, 2003, 76).

25 *Revista de Geografia*, fundada em 1895.

26 Tendo estabelecido na Alemanha uma ditadura militar (Fischer, 2007, 241).

27 Saber professoral.

Karl Haushofer (1869-1946), a Alemanha de Adolf Hitler e a II Guerra Mundial (1939-1945)

O Tratado de Versalhes (1919) é entendido como o ponto de partida para o surgimento do pensamento geopolítico²⁸ na Alemanha durante a República de Weimar, uma vez que, com todas as imposições que consigo acarretou para o espaço e poder germânicos, acabou por acentuar a já generalizada sensação de crise²⁹ (Forman, 1983, *apud* Da Silva, 2003, 3).

A Alemanha encontrava-se numa luta pela sobrevivência tanto ao nível externo (imposições do Tratado Versalhes³⁰, de que o Estado francês foi mesmo o principal responsável tendo em vista o ansiado isolamento da Alemanha), como ao nível interno (resultado do declínio da energia biológica³¹ e da ignorância geopolítica dos seus cidadãos (Murphy, 1997, 46). Neste sentido, caberia à Geopolítica, enquanto *Wegweiser*³², traçar o caminho em direcção a um futuro melhor evitando cometer os erros do passado (Murphy, 1997, 21).

O ano de 1924, em que a *Zeitschrift für Geopolitik*³³ começou a ser publicada, é tido como o verdadeiro ano de nascimento da Geopolítica. Com esta publicação mensal, destinada a fazer da Geopolítica um saber de massas, pretendia-se que o poder da vontade, as qualidades raciais e a excepcionalidade da tecnologia alemã invertessem a crise, rectificando a sua posição política temporariamente enfraquecida e ensinado aos alemães qual a melhor forma de explorar a sua posição geográfica (Murphy, 1997, 47 e 54).

28 Murphy (1997, 46) considera até que sem este Tratado, os geopolíticos nunca teriam saído da obscuridade; foram as críticas desenvolvidas a este *Diktat* que contribuíram para a sua inserção na vida pública alemã.

29 Crise política, económica, moral, intelectual, cultural e científica, resultante de uma rápida industrialização, do aumento populacional e da crescente urbanização verificadas na ausência de estruturação económica, política e social num período de disputas espaciais quer no seio da própria Europa, quer pelas colónias ultramarinas em busca de mercado consumidor e de matérias-primas (Da Silva, 2005, 3).

30 *Vide* Milza, 2007, 19-21.

31 A I Guerra Mundial acarretou consigo um enorme custo humano para a Alemanha: de uma população de 70 milhões perdeu, entre 1914-1918, dois milhões de homens (Bessa & Pinto, 2009, 166 e 167), nas operações militares, e devido à falta de condições de higiene, às privações e às doenças. De atentar é também o défice de nascimentos alemães, de 3 705 000, que se verificou em virtude da separação de casais, sendo que a taxa de natalidade alemã nunca voltaria a atingir os elevados valores que registava antes do início da Guerra (Milza, 2007, 25).

32 Guia prático para a acção política.

33 *Revista de Geopolítica*.

Karl Haushofer (1869-1946) integrou o grupo da revista³⁴, que foi sofrendo várias alterações³⁵, desde o início da sua publicação até ao momento em que, enquanto director, recebeu, a 2 de Setembro de 1944, a ordem de cessar a publicação da mesma (Korinman, 1990, 317).

Tido como um dos expoentes máximos da geopolítica alemã (Haushofer *apud* Tuathail, 2006, 53), este general geógrafo era um conhecedor dos espaços da Ásia e do Pacífico (De Almeida, 1990, 119). Aliás, foi da sua missão no Japão, entre 1908 e 1910, onde desempenhou funções de conselheiro como instrutor de artilharia e estudou o próprio exército japonês, que nasceu a sua vocação pela geopolítica: “Le grand amour que je porte à la culture et à la géographie du Japon vient de ce que j’ai vécu pendant deux ans dans l’intimité de ce pays et de cette civilisation”³⁶ (Haushofer, 1986, 160). E, neste sentido, é de referir que a sua experiência no Extremo Oriente se reflectiu em obras como:

- *Dai Nihon. Betrachtungen über Gross-Japans Wehrkraft, Westellung und Zukunft* em 1913;³⁷
- *Japan und die Japaner* em 1923;³⁸
- *Der deutsche Anteil an der geographischen Erschliessung Japans un des sub-japanischen Erdraums un deren Förderung durch den Einfluß von Krieg und Wehrpolitik* em 1914;³⁹
- *Grundrichtungen in der geographischen Entwicklung des Japanischen Reichs (1854 bis 1919)* em 1919;⁴⁰
- *Das Japanische Reich in seiner geographischen Entwicklung* em 1921.⁴¹

34 Importa também salientar que, para além de Haushofer, Kurt Vowinckel foi único nome que sempre constou na revista (Da Silva, 2003, 8).

35 Do grupo que se reuniu pela primeira vez nos dias 15 e 16 de Dezembro de 1923, em Berlim, integrado por Kurt Vowinckel, Karl Haushofer, Erich Obst, Otto Maull, Hermann Lautensach e Fritz Hesse, é de referir, por exemplo, que tanto Obst como Maull abandonaram a revista no final de 1931 (Da Silva, 2003, 6 e 7; Korinman, 1990, 163 e 263).

36 Tradução livre da autora: “O grande amor que tenho à cultura e à geografia do Japão vem do que vivi durante dois anos na intimidade deste país e desta civilização.”

37 *O Grande Japão. Observações Sobre a Defesa, a Posição Mundial e o Futuro do Grande Japão.*

38 *O Japão e os Japoneses.*

39 *A Contribuição Alemã na Exploração Geográfica do Espaço Sub-japonês do Japão assim como o Desenvolvimento (destas zonas geográficas) pela Influência da Guerra e da Política de Defesa.*

40 *Direcções Básicas Geográficas no Desenvolvimento do Império Japonês (de 1854 até 1919).*

41 *O Império Japonês no seu Desenvolvimento Geográfico.* Estas três últimas obras são consideradas fundamentais na sua carreira como académico (Losano, 2007, 224).

Foi igualmente influente no processo de reconstrução das relações culturais entre a Alemanha e o Japão⁴² (Losano, 2007, 229), bem como na criação do Pacto Anti-Komintern, assinado entre os dois Estados, a 25 de Novembro de 1936, em Berlim.

Talvez também por esta experiência, enquanto membro do grupo da *Zeitschrift für Geopolitik*, Haushofer tenha ficado encarregue da discussão de assuntos ligados ao Indo-Pacífico, ao passo que os demais membros ficariam alocados do seguinte modo: Erich Obst trataria das temáticas da Europa e do Norte de África, a Fritz Termer corresponderiam a América e as demais áreas de África, sendo que o âmbito da literatura geral e sistemática geopolítica respeitaria a Hermann Lautensach. Kurt Vowinckel encarregar-se-ia da organização dos temas e da formatação e Fritz Hess seria o chefe de redacção (Da Silva, 2003, 6).

Relativamente ao pensamento geopolítico alemão, nascido durante a República de Weimar, são de considerar a existência de dois períodos distintos: o primeiro, entre o ano de 1919 e o ano de 1933, correspondente ao surgimento da *Zeitschrift für Geopolitik* cujas linhas principais temos vindo a destacar; o segundo, entre os anos de 1933 e 1945, assumindo-se o ano de 1933, com a subida de Adolf Hitler ao poder, como um ponto de viragem na publicação. De facto, se “até 1933, a revista tinha a ver com a Alemanha – porque pretendia a restauração do poder germânico – mas não tinha qualquer compromisso com o nazismo” (De Almeida, 1990, 21), a partir daí, a geopolítica alemã deixou de pertencer ao campo da ciência para se converter num mecanismo do Estado (Vives, 1972, 52), destinado à justificação das políticas raciais e expansionistas do Nacional-Socialismo, considerado o pior inimigo da geopolítica (Murphy, 1997, 23).

O curso da carreira de Haushofer, sob o Nacional-Socialismo na Alemanha, acabou mesmo por acompanhar o destino das ideias geopolíticas em geral, entre 1933 e 1945: da sua proeminente influência no meio académico, substituída pelo desencantamento político e perda pessoal, à irrelevância do seu pensamento no curso da vida política do *Reich* (Murphy, 1997, 145 e 244), sobretudo a partir da invasão da União Soviética, na designada *Operação Barbarossa*, em 1941.

No que respeita a este segundo período na vida da *Zeitschrift für Geopolitik* e da sua Escola Alemã, podemos ainda dividi-lo em duas fases: a viragem, de 1933 a 1936 e o caminho para a extinção, de 1936 a 1945.

42 Como, por exemplo, a fundação do Instituto Alemão-Japonês, em Berlim, e do Instituto Japonês-Alemão, em Tóquio. De referir, ainda, o facto de Haushofer se ter constituído como membro da *Deutsche-Japanische Gesellschaft* – Sociedade Germânico-Japonesa – na Baviera (Losano, 2007, 230 e 231).

Nesta primeira fase, propagandística, a Escola Alemã foi sujeita à pressão do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NSDAP), denotando-se a influência do seguidor das teorias germanófilas de Gobineau e de Chamberlain, Alfred Rosenberg (1893-1946), o principal teórico da doutrina racista ariana do *III Reich* (Correia, 2004, 147).

Desde Março de 1934, que Rudolf Hess atribuiu três funções, de acordo com a doutrina *Blut und Boden*,⁴³ ao *Arbeitsgemeinschaft für Geopolitik*⁴⁴: constituição de uma ciência de Estado em matéria de política espacial; educação das massas alemãs em conformidade com os princípios do NSDAP, que deviam integrar; e, em colaboração com o Ministério da Propaganda, o desenvolvimento do prestígio do *Reich* no estrangeiro (Korinman, 1990, 263-264).

Tornou-se imperiosa a necessidade de modernização da *Zeitschrift für Geopolitik*, associada à importância que a Escola Alemã percepcionava na tecnologia. Passou, assim, a ser frequente o recurso aos meios de comunicação e, sobretudo, a cartografia geopolítica assumiu um papel essencial enquanto instrumento pedagógico de divulgação e efectivação do ideário geopolítico alemão a todas as camadas da população ao exprimir o desejo expansionista e a supremacia racial ariana (Da Silva, 2003, 12).

Ruppert von Schumacher, engenheiro e geógrafo austríaco, apresentou em 1934 e 1935 propostas de cartografia, considerando a utilização das cores e dos sinais para destacar certos elementos em detrimento de outros. Uma das ideias, presente num dos mapas mais conhecidos de Schumacher, era a de que a Alemanha se encontrava ameaçada por todos os lados, sendo o recurso à força a única solução (Da Silva, 2003, 12).

A contribuição de Schumacher permitiu que a *Zeitschrift für Geopolitik* se tornasse num instrumento relevante para a actuação prática, acessível a todo o tipo de público que, deste modo, passaria a estar consciente da situação presente da Alemanha na Europa e no Mundo (Da Silva, 2003, 11-13), e dos outros países, e a tomar contacto com uma doutrina de segurança e de poder para a pátria e com as grandes opções para o futuro do *Reich* (Claval, 1996, 30).

Quanto à segunda fase, compreendida entre os anos de 1936 e de 1945, a Escola de Munique ficou inteiramente submetida à política do *III Reich*, tendo-se tornado num instrumento de promoção do esforço bélico Hitleriano. Segundo o acordo de 10 de Dezembro de 1936 (Vives, 1972, 53), a geopolítica passou a ser encarada como uma ciência de fundamentação territorial e racial determinante no desenvolvimento

43 Sangue e solo.

44 Grupo de Trabalho para a Geopolítica, criado em 1931 sob orientação de Kurt Vowinckel e que era composto por membros do NSDAP. Mais tarde passou a exercer funções de censura sobre os artigos publicados na revista (Da Silva, 2003, 9).

dos povos e dos Estados (Correia, 2004, 147), a ciência política oficial do *III Reich*, de orientação política e estratégica internacional (Vives, 1972, 59-60).

A 25 de Outubro de 1936, assinou-se um acordo entre a Alemanha e a Itália, estabelecendo uma cooperação entre ambos no respeitante à questão da Guerra Civil Espanhola, que os aproximou e contribuiu de algum modo para a criação do Eixo Roma-Berlim, e à área danubiana (Milza, 2007, 194).

Durante o ano de 1937, sucederam as visitas de dirigentes alemães a Itália, sendo que, em 16 de Novembro de 1937, a Itália aderiu ao Pacto anti-Komintern, juntando-se à Alemanha e ao Japão (Milza, 2007, 194).

A 22 de Maio de 1939, a Alemanha e a Itália assinaram o Pacto de Aço, do qual se destaca o artigo 3.º, estipulando que se uma das partes entrar em guerra, a outra deverá entrar igual e imediatamente em guerra, como aliada e apoiando-a de todas as formas: na terra, no mar e no ar (Milza, 2007, 215).

Albrecht Haushofer notou, em Julho de 1939, relativamente à razão motivadora da proibição da segunda edição do livro do pai, Karl Haushofer, *Grenzen in ihrer geographischen und politischen Bedeutung*⁴⁵ (1939) que qualquer oposição feita à actual situação do Tirol do Sul despoletava a ira de Hitler, sendo que esta era a única região na Europa em que uma revisão fronteiriça conforme o princípio das nacionalidades não seria mencionada (Defarges, 2003, 81; Korinman, 1990, 294).

No respeitante à *Zeitschrift für Geopolitik* e com o início da II Guerra Mundial (1939), foi-se registando de ano para ano uma diminuição do número de páginas, sendo que, a partir de 1942 e de forma progressiva, as contribuições de Karl Haushofer, o mentor da Escola de Munique, se reduziram. As crónicas desapareceram da revista e os seus trabalhos resumiam-se a uma espécie de catálogo de palavras-chave, a um amontoado de títulos e nomes e a uma série de datas. Haushofer limitava-se a um realce histórico, aspecto que se acentuou em 1944, sendo disso exemplo a obra *Binnenbau, Raumordnung und Staatsführung in der Geschichte*⁴⁶ (Korinman, 1990, 317, 320-321). Em 1943, os artigos “literários” deste general geógrafo resumiam-se às relações entre a geopolítica e a religião, a geopolítica e a medicina, a geopolítica e a etnologia (Korinman, 1990, 321).

No mesmo ano, verificou-se a fusão da *Zeitschrift für Geopolitik* com a revista *Schule der Freiheit*⁴⁷ anti-semita e anti-soviética, o que possibilitou uma publicação, a 1 de Julho, de um volume maior destinado a um leque mais amplo de leitores.

45 *As Fronteiras no seu Significado Geográfico e Político.*

46 *Estrutura Interna, Desenvolvimento do Espaço e da Política na História*, pleno de citações de Haushofer às suas próprias obras (Korinman, 1990, 321).

47 *Escola da Liberdade.*

Em 2 de Setembro 1944, enquanto director da *Zeitschrift für Geopolitik*, Haushofer recebeu ordem para cessar a sua publicação (Korinman, 1990, 317).

Também em 1944, Karl Haushofer e o filho Albrecht foram presos, tendo este último sido libertado ao fim de oito semanas. O atentado perpetrado contra Adolf Hitler, a 20 de Julho, conhecido como *Operation Walküre*⁴⁸ e no qual Albrecht terá estado envolvido, acabou por conduzi-lo novamente à prisão, juntamente com o seu irmão Heinz (1906-1986), sendo que na noite de 22 para 23 de Abril de 1945, Albrecht foi assassinado (Korinman, 1990, 324).

Com o fim da II Guerra Mundial, as forças americanas detiveram e interrogaram Haushofer que, no decorrer do Outono de 1945, foi ouvido no processo de Nuremberga como testemunha (Defarges, 2003, 82), tendo referido que tudo o que disse ou escreveu desde 1933 fê-lo sob pressão e sob censura (Haushofer, 1948, *apud* Tuathail, 2006, 53-54).

Haushofer nunca esteve sozinho com Hitler. A última vez que o viu foi a 8 de Novembro de 1938, na presença de testemunhas. Tendo entrado em desacordo com Hitler a propósito da Operação Barbarossa e sobretudo a partir do momento em que Rudolf Hess viajou em Maio de 1941, ficou exposto às perseguições da Gestapo. Recusou-se a rever *Mein Kampf*⁴⁹ antes da sua publicação, por não se tratar de uma obra relacionada com a geopolítica mas sim de um livro destinado à agitação alemã (Haushofer, 1948, *apud* Tuathail, 2006, 55; Losano, 2005, 286).

Na perspectiva de Karl Haushofer, Hitler nunca compreendeu correctamente os princípios de geopolítica que lhe foram transmitidos por Hess, que juntamente com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Konstantin Freiherr von Neurath (1873-1956), ainda revelava um certo conhecimento desta, sem contudo estar capacitado para a praticar. Joachim von Ribbentrop (1893-1946), a quem o general geógrafo ensinou a analisar um mapa, foi o principal responsável pela distorção da geopolítica na mente do *Führer* alemão. Assim, os conceitos geopolíticos acabaram distorcidos e usados de forma incorrecta pelo *III Reich* (Haushofer, 1948, *apud* Tuathail, 2006, 54; Walsh, 1948, *apud* De Almeida, 1990, 123-124). Um exemplo desta distorção pode ser encontrado na definição que o conceito de *Lebensraum*, originariamente da autoria de Ratzel, vai assumir pela Escola Alemã já durante o regime de Hitler e, principalmente, após o momento em que passou a integrar a sua política.

Se, para Ratzel, o *Lebensraum* consistia no *Politisches Raum*⁵⁰, ou seja, o espaço ou território em que se desenvolve a actividade de um Estado (Vives, 1972, 70),

48 Operação Valquíria.

49 *A Minha Luta*.

50 Espaço político.

para Haushofer, também um pangermanista, o conceito em causa identifica-se com a fórmula *Blut und Boden*, consistindo na “capacidade de um determinado espaço geográfico para atender às necessidades da sociedade humana (etnologicamente diferenciada) que o habita” (IAEM, 1982, *apud* Dias, 2005, 128). Tal interpretação Haushoferiana deve-se ao facto deste ser adepto da concretização da ideia de *Grossdeutschland*, já defendida por Ratzel e pelo sueco Rudolf Kjéllen (1864-1922), que reunisse num mesmo espaço e corpo único todos os povos de língua e cultura germânicas (Klein, 1986, 127). Assim, e de forma a sobreviver na cena internacional às pressões laterais da França e da Rússia, a Alemanha deveria conquistar *Lebensraum*, dispondo este de um sentido simultaneamente económico, ao possibilitar a concretização de uma auto-suficiência alemã (De Almeida, 1990, 126).

No entanto, é de referir que até 1936, os geopolíticos alemães não pareciam considerar o espaço vital como fundamento de uma política de expansão de qualquer Estado, preferindo utilizar o termo *Raumgefühl*⁵¹. Foi preciso que a política se apossasse do termo *Lebensraum* para que este passasse a representar as reivindicações naturais alemãs, equivalendo assim ao direito do *Reich* de possuir o seu próprio lugar ao Sol, reunindo dentro das suas fronteiras todo o povo alemão espalhado pelo mundo (nomeadamente em Estados como a Áustria, a Checoslováquia e a Polónia, segundo Bessa & Pinto, 2009, 186) e todo o espaço que, no mundo, fosse necessário ao seu sustento vital (Vives, 1972).

Deste modo, a fórmula Haushoferiana, *Blut und Boden*, converteu-se em irredentismo nacionalista e autarquia económica, pelo que desde aí a necessidade de *Lebensraum* se constituiu como justificação dos desígnios de expansão territorial Nacional-Socialista e, como fundamentação preparatória de uma eminente agressão militar (De Almeida, 1990, 125; Vives, 1972, 71-72). Vale assim a pena salientar, que o *Anschluss* da Áustria, a que se seguiram as invasões da Checoslováquia e da Polónia, se constituiu como uma concretização do ideário de Haushofer transformado de acordo com a *Weltanschauung*⁵² Hitleriana.

A guerra de 1939-1945 constituiu um prolongamento das razões beligerantes da guerra de 1914-1918: darwinismo social, reivindicações de espaço vital. O objectivo de Karl Haushofer era encontrar o justo lugar da Alemanha no Mundo, na sequência do fim da I Guerra Mundial, mas sobretudo perante as imposições do Tratado de Versalhes que acabaram por deixar fora da Alemanha várias minorias alemãs (Defarges, 2003, 82-83 e 105-106). Com efeito, o Revisionismo era um desejo partilhado por Haushofer, por Hitler e pela maioria dos alemães neste período (Klein, 1990, 32), ainda que de forma diversa.

51 Sentido de espaço.

52 Visão do mundo.

Hitler era o *Führer* de uma ideologia totalitária e Haushofer cientista de uma disciplina não ideológica, a geopolítica, entendendo-se esta como uma ciência prática⁵³ fundada a partir da análise dos factos, destinada a fornecer uma consciência geográfica capaz de conduzir ao acto político (Defarges, 2003, 83). A geopolítica alemã trazia consigo um ideal conservador, possivelmente reaccionário e aristocrático, sem o objectivo de preparar caminho para a agressão Nacional-Socialista na Europa (Vives, 1972, 50).

Hitler e Haushofer tinham em comum a rejeição do que se encontrava consignado no Tratado de Versalhes e o desejo de uma Alemanha maior. No entanto, as ideias geopolíticas do general geógrafo são utilizadas de forma viciada, os seus conselhos são ignorados, a moderação pedida e a sua oposição aos excessos políticos e militares que o *III Reich* levava a cabo não eram tidas em conta (Gallois, 1990, 262-263).

O espaço cultural alemão deveria reencontrar a sua unidade, *Volkstum*, na sua área de expansão natural, a Europa Central (Defarges, 2003, 83). A conquista de *Lebensraum* e a reconquista do poder mundial pela Alemanha assentava em duas alianças (ou eixos), capazes de integrar um bloco continental: uma com o Japão, de forma a fazer face às potências marítimas, a Grã-Bretanha e os EUA⁵⁴; e outra com a União Soviética, tendo em vista o domínio do *Heartland*⁵⁵ de Halford Mackinder (1861-1947)⁵⁶ (Claval, 1996, 30; Klein, 1986, 28).

O centro da divergência entre Haushofer e Adolf Hitler era a União Soviética (De Almeida, 1990, 132). Para Adolf Hitler, a União Soviética, continha em si o perigo bolchevique, constituindo o principal adversário da Alemanha. Durante séculos a União Soviética, colosso do Este, mantivera-se graças ao núcleo germânico das suas esferas superiores, entretanto substituído por judeus, fermento de decomposição. O fim do domínio judaico na União Soviética seria também o fim da União Soviética como Estado. A Alemanha seria, deste modo, testemunha de uma catástrofe que se constituiria como a prova da verdade da teoria racista (Hitler, 2003, 250).

53 E dinâmica, características que levaram Haushofer a recusar a publicação de um manual de Geopolítica, considerando que tal poderia dificultar as aplicações práticas deste saber (Klein, 1986, 25).

54 Muito embora, segundo Defarges (2003, 86), os EUA fossem ignorados ou subestimados pela geopolítica de Haushofer.

55 Tratava-se de uma enorme massa continental dominante, situada na Eurásia, entre a Europa Oriental e a Sibéria, contendo muitas matérias-primas necessárias à industrialização, o que lhe permitiria tornar-se no centro do poder mundial. A dificuldade nos acessos, a extensão da área e o clima rigoroso garantir-lhe-iam a capacidade de defesa (Dos Santos, 2008, 33-34).

56 Cujas obras *The Geographical Pivot of History* Haushofer considerou como uma obra magistral da geopolítica (Weigert, 1942, *apud* Tuathail, 2006, 24).

A reestruturação racial da sociedade alemã constituía o âmago da política interna Nacional-Socialista, sendo que a Raça era igualmente central no respeitante à política externa. Os geopolíticos consideravam a Raça importante, mas sempre como estando subordinada ao Espaço: “*Raum, not Rasse, was at the core of their understanding of the world*”⁵⁷ (Murphy, 1997, 247). Verifica-se, assim, uma diferença de perspectivas, quanto ao papel desempenhado pela Raça, em cada uma destas duas visões do mundo.

Em discurso proferido quarenta e oito horas após o início da Operação Barbarossa em que se verificou a invasão da União Soviética pela Alemanha, a 22 de Junho de 1941, Hitler referiu a inconcretização do seu desejo inicial de estabelecer uma aliança entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, perdida para o futuro (Hitler, 2003, 15).

Por oposição, a Escola Alemã, inspirada na visão de Mackinder a propósito da importância do *Heartland*, estava interessada na constituição de um poder continental, pelo que a Alemanha se devia aliar à União Soviética, capaz de suplantar o poder marítimo da Grã-Bretanha, que era indiferente para a política externa Nacional-Socialista (Da Fonseca, 2003, 13), pois para Hitler era o *Drang nach Osten*⁵⁸, destinado a estabelecer uma relação natural entre a densidade e o aumento populacional e a extensão e a qualidade do espaço habitado, garante da subsistência da raça ariana (Hitler, 2003, 243), que desempenhava um papel primordial na sua *Weltanschauung*.

Prova disso é o facto de, nas vésperas da II Guerra Mundial, no final do mês de Agosto de 1939, Hitler ter desejado obter a condescendência da Grã-Bretanha para com o plano Nacional-Socialista em direcção ao Leste europeu, oferecendo em troca a garantia do *III Reich* não interferir no espaço do Império Britânico (Murphy, 1997, 246).

O desejo de Hitler em contrair uma aliança com a Grã-Bretanha é manifesto, em 1926, aquando da redacção da segunda parte do seu livro. Para o *Führer* alemão, se a Alemanha pretendia lutar por se assumir como um poder mundial, e se essa luta se fazia pela existência da pátria, da unidade da nação alemã, e necessitando de obter aliados na Europa, só a Grã-Bretanha e a Itália deviam ser tidas em conta (Hitler, 2003, 234).

A Grã-Bretanha, embora não admitisse a Alemanha como potência mundial, não queria uma França cujo punho militar, livre de todo o impedimento na Europa, entrasse em conflito com os interesses britânicos. A Itália, tendo interesses territoriais no Mediterrâneo, não poderia ver com agrado a consolidação da supremacia

57 Tradução livre da autora: “O espaço, não a raça, esteve no centro da sua compreensão do mundo” (Murphy, 1997, 247).

58 Expansão para o Leste.

francesa na Europa. Aliás, o objectivo italiano de entrada na I Guerra Mundial, não era contribuir para o fortalecimento francês, mas sim destruir a Áustria, a sua odiada rival no Adriático (Hitler, 2003, 234).

Haushofer defendia igualmente a concretização de um eixo entre Berlim e Roma, embora os eixos Berlim-Tóquio e Berlim-Moscovo fossem mais relevantes para o poder alemão. No caso das Pan-Regiões, só o Japão, “poder nascente no Pacífico e a maior região fisiográfica do mundo”, e a União Soviética, “imenso poder continental proveniente do Leste dos Urais” (De Almeida, 1990, 131), tinham a seu cargo uma função directora na Pan-Ásia Oriental e na Pan-Rússia respectivamente.

Em termos práticos, verificou-se a reaproximação entre a Alemanha e o Japão, graças a Haushofer, consubstanciada no Pacto anti-Komintern de 1936 (Klein, 1986, 38). Quanto a Itália, o general geógrafo só admitia uma participação mais activa desta na Pan-Euroáfrica, que seria orientada pela Alemanha (De Almeida, 1990, 130). Korinman (1990, 313) e considerava, neste sentido, que o Fascismo e o Nacional-Socialismo se associaram por necessidade geopolítica.

A influência prática da teoria de Haushofer é igualmente visível num documento inédito de 1943, um Tratado entre os Estados do Eixo, que não tendo chegado a ser ratificado, entre a Alemanha, a Itália e o Japão, consignava uma tentativa de dar forma jurídica homogénea a todas as conquistas territoriais do Eixo em todo o mundo, uma magna carta para as colónias da Alemanha na Europa, da Itália no Mediterrâneo e em África, do Japão na Ásia no contexto da nova ordem mundial, em que a Grã-Bretanha e a França seriam encaradas como “intrusas” (Losano, 2005, 281 e 293).

Destinando-se a coordenar o *Drang nach Osten* do *III Reich*, com o *Spazio al sole* da Itália e com o *Greater East Asian Co-Prosperty Sphere* do Japão, tratava-se de uma proposta para organizar os Grandes Espaços ou Pan-Regiões, definidos como *Großstaaten*⁵⁹ e dotados de personalidade jurídica na nova Comunidade Internacional. Em conformidade com o Direito Internacional proposto por Carl Schmitt, estes três Estados assumir-se-iam como Estados-guia ou Poderes-guia, capazes de exercer a sua supremacia sobre os demais Estados. Seria a Alemanha e a Itália na Europa, e o Japão na Ásia Oriental (Losano, 2005, 281-282, 287 e 291).

Entre 1933 e 1940, Hitler terá multiplicado as tentativas para demonstrar que os fins perseguidos pelos Nacional-Socialistas correspondiam às teorias e às previsões geopolíticas. Para tal, serviu-se de um artigo publicado em 1933, da autoria de Karl Haushofer, *Der nationalsozialistische Gedanke in der Welt*⁶⁰ e, em 1939, fez um balanço

59 Grandes Estados.

60 *O Pensamento Nacional-Socialista no Mundo*.

positivo da política externa da Alemanha na realização da maioria dos objectivos partilhados pelos partidários do *Deutschtum* (Klein, 1986, 36).

No entanto, os planos de conquista imperial nunca foram favorecidos por Haushofer (1948, *apud* Tuathal, 2006, 54), nem as anexações de território estrangeiro ao povo germânico. A concepção Haushoferiana assentava na união cultural e linguística germânica sobre um mesmo espaço, numa *Großdeutschland* tal como já referimos anteriormente, pelo que foi favorável ao *Anschluss* da Áustria, à recuperação dos Sudetas e do Memel, já que estes consagravam o triunfo da ideia de *Volkstum* (Klein, 1986, 36).

Foi, sobretudo, durante a II Guerra Mundial que a geopolítica Haushoferiana e o projecto Hitleriano divergiram de forma acentuada. A geopolítica não inspirou verdadeiramente os dirigentes do *III Reich* e Haushofer terá desempenhado um papel limitado na elaboração da política estrangeira do seu país. A invasão da União Soviética foi condenada desde o início por Haushofer (Klein, 1986, 36-37).

Podemos concluir que Haushofer enquanto pangermanista não partilhava os ideais racistas do Nacional-Socialismo⁶¹, tendo a sua família sido perseguida a partir do momento em que a protecção de Hess se deixou de verificar (Klein, 1986, 38-39). Ao invés, Hitler ter-se-á apropriado da geopolítica Haushoferiana, adaptando-a à sua *Weltanschauung*, já que “Hitler podia convencer multidões”, mas era “a ‘Escola’ que convencia as elites” (De Almeida, 1990, 124).

Conclusões Finais

Como verificamos, tanto Ratzel como Haushofer eram pangermanistas, adeptos da *Großdeutschland*, segundo um método próprio, o da Geografia Política e o da Geopolítica, respectivamente.

Ambos desejavam ser conselheiros da política espacial germânica, que seria, posteriormente, decidida e accionada por Guilherme II e Adolf Hitler. Na perspectiva de conselheiro político, Haushofer esteve mais próximo do que Ratzel, falecido algum anos antes do eclodir da I Guerra Mundial e sem perceber a importância que o seu pensamento viria a desempenhar não para a política Guilhermina, mas no lançamento das bases do surgido pensamento geopolítico, de que Haushofer viria a ser considerado o expoente máximo, com o fim da I Guerra Mundial e, sobretudo, face às imposições do *Diktat* de Versalhes.

61 Ainda que por vezes tenha sido sensível aos argumentos do anti-semitismo político (Klein, 1986,38).

Contudo, é de ressaltar que apesar da sua maior proximidade ao poder, a partir de 1933, o trabalho de Haushofer e da Escola de Munique tornou-se num instrumento ao serviço da propaganda Nacional-Socialista e, desde 1936, a geopolítica alemã foi adoptada como fundamentação territorial e racial determinante na orientação política e estratégica do *III Reich*.

Haushofer esteve preso, o filho Albrecht foi morto pela Gestapo, e acabou por se suicidar, juntamente com a mulher, de origem judia, após o fim da II Guerra Mundial. Aconselhou Hitler a não invadir a URSS, e o Japão a não invadir a China. Motivados por razões ideológicas, militares, económicas, ou porventura até estratégicas, quer o governo de Hitler, quer o governo japonês optaram por fazer exactamente o contrário (Bessa e Dias, 2007, 54), divergindo do aconselhamento que a geopolítica de Haushofer lhes havia ministrado.

Neste sentido, e tendo procurado com esta investigação compreender em que medida é que a Geopolítica poderá (ou não) ter influenciado o papel desempenhado pela Alemanha no eclodir da I e da II Guerras Mundiais, esperamos também ter contribuído para o recuperar da Geopolítica clássica alemã, nem sempre encarada de forma isenta, desapaixonada e científica, dado as ligações e as contribuições que habitualmente se acredita terem existido de forma manifesta, no caminho de expansionismo racista trilhado pelo *III Reich* alemão em direcção à II Guerra Mundial, uma guerra total.

Será ainda de assinalar que este estudo visou, sobretudo, despertar um maior interesse pela questão alemã do período entre guerras, não apenas no que ao estudo da Geografia Política e da Geopolítica diz respeito, como também no concernente ao pensamento da Alemanha deste período, cuja bibliografia em português muitas vezes escasseia, dificultando o acesso à cultura germânica.

Em jeito de conclusão, na nossa perspectiva, a influência da Geopolítica no papel desempenhado pela Alemanha na I e na II Guerras Mundiais reduz-se ao facto de ser aos governos que, pese embora toda a instrução e educação científica fornecidas quanto às relações entre o espaço e poder, cabe a decisão e acção política.

Bibliografia

Bessa, A. & Pinto, J. (2009). *Introdução à Política. O Poder na História*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.

Bessa, A., & Dias, C. (2007). *O Salto do Tigre*. Lisboa: Prefácio.

- Calleo, D. (1990). *The German problem reconsidered. Germany and the World Order 1870 to the Present*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Claval, (1996). *Géopolitique et Géostratégie. La pensée politique, l'espace et le territoire au XXe Siècle*. Paris: Nathan Université.
- Correia, (2008). "Derivações Semânticas da Geopolítica". *Geopolítica*, (2), 13-44.
- Correia, (2004). *Manual de Geopolítica e Geoestratégia (Vol.1)*. Coimbra: Quarteto.
- Da Fonseca, S. (2003). *Uma Introdução à Geopolítica Clássica: de Ratzel a Haushofer*. <http://www.ig.ufu.br/2srg/4/4-81.pdf>. Data de acesso 20/11/2008.
- Da Silva, A. (2003). *A Geopolítica Alemã na República de Weimar: o Surgimento da Revista de Geopolítica*. <http://cecemca.rc.unesbr/ojs/index.php/estgeo/article/viewFile/265/221>. Data de acesso 15/02/2009.
- Dawson, W. (1941). *Pequena História da Alemanha*. Lisboa: Inquérito.
- De Almeida, (1990). *Do Poder do Pequeno Estado: Enquadramento Geopolítico da Hierarquia das Potências*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Políticas.
- Defarges, (2003). *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva.
- Dias, C. (2005). *Geopolítica: Teorização Clássica e Ensinos*. Lisboa: Prefácio.
- Dos Santos, E. (2007). *O Conceito de Geopolítica: Uma Aproximação Histórica e Evolutiva (1.ª Parte)*. http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=430. Data de acesso 15/03/2009.
- Fernandes, J. (2003). *A Geopolítica clássica revisitada*. http://www.jptfernandes.com/docs/art_acad_geopolitica_rev.pdf. Data de acesso 15/11/2008.
- Fernandes, J. (2002). *Da Geopolítica clássica à Geopolítica pós-moderna: entre a ruptura e a continuidade*. http://www.jptfernandes.com/docs/art_acad_geopolitica.pdf. Data de acesso 23/02/2009.
- Fischer, M. (2007). *Guilherme II – O Último Imperador da Alemanha*. Estoril: Principia.
- Fulbrook, M. (2008). *A Concise History of Germany*. Cambridge: University Press.
- Gallois, (1990). *Geopolitique. Les Voies de la Puissance*. Paris: Plon.
- Haushofer, K. (1986). *De la Géopolitique*. Paris: Fayard.
- Hitler, A. (2003). *Mi Lucha. Mein Kampf: discurso desde el delirio*. Barcelona: Fapa Ediciones.

- Korinman, M. (1990). *Quand l'Allemagne Pensait le Monde*. Paris: Fayard.
- Lorot, P., & Thual, F. (1997). *La Géopolitique*. Paris: Montchrestien.
- Losano, M. (2007). "La Missione Militare di Haushofer in Giappone e la Geopolítica". *Rivista degli Studi Orientali*, (20-22), 223-236.
- Losano, M. (2005). "I 'Grandi Spazi' in un Inedito Progetto di Trattato del 1943 fra gli Stati dell' Asse". *Rivista degli Studi Orientali*, (LXXVIII), 281-303.
- Milza, (2007). *As Relações Internacionais: de 1918 a 1939*. Lisboa: Edições 70.
- Milza, (1999). *As Relações Internacionais: de 1871 a 1914*. Lisboa: Edições 70.
- Murphy, D. (1997). *The Heroic Earth. Geopolitical Thought in Weimar Germany, 1918-1933*. Kent, Ohio: The Kent State University Press.
- Nogueira, J. (2007). "Em jeito de introdução...". *Geopolítica*, n.º1, 11-17.
- Ratzel, F. (1988). *Géographie Politique*. Paris: Economica
- Smith, R. (2008). *A Utilidade da Força: A Arte da Guerra no Mundo Moderno*. Lisboa: Edições 70.
- Tuathail, G. (2006). *The Geopolitics Reader*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Vives, J. (1972). *Tratado General de Geopolítica*. Barcelona: Editorial Vicens-Vives.